

**Resumo:** Em 1945, após o término da 2ª Guerra Mundial, na pequena cidade de Guiratinga, região de extração garimpeira em meio ao sertão de Mato Grosso, surgiu o periódico literário Novo Mundo, visando à fraternidade intelectual e humana e à difusão da cultura entre os povos das três Américas. O jornal, idealizado e editado pelo escritor Raimundo Maranhão Ayres, desapareceu possivelmente em 1954, e circulou em mais de cinquenta países, tendo recebido a colaboração de escritores de Mato Grosso, de outros Estados brasileiros e do estrangeiro, notadamente dos hispano-americanos. Publicou na língua original de seus colaboradores, entre elas, o português, o espanhol, o francês, o italiano e o inglês. A rede de relações homogênea – jornal e colaboradores – num universo de diferenças culturais, sociais, geográficas e linguísticas é o que o presente estudo pretende assinalar.

**Palavras-chave:** Literatura e Imprensa; Mato Grosso; Brasil; História e Crítica.

**Abstract:** In 1945, after the Second World War, in the small town of Guiratinga, region of gold miner extraction in the middle hinterland of Mato Grosso, the literary journal Novo Mundo was created, aiming at the intellectual and human brotherhood and the diffusion of culture among people from the three Americas. The newspaper, designed and edited by the writer Raimundo Maranhão Ayres, possibly disappeared in 1954 and circulated in over fifty countries and received the cooperation of writers of Mato Grosso, other Brazilian states and from abroad, notably in Latin America. It was published in the original language of its collaborators, including Portuguese, Spanish, French, Italian and English. A homogeneous network of relationships – newspaper and collaborators – a universe of cultural, social, geographical and language is what this study intends to report.

**Keywords:** Literature and Press; Mato Grosso; Brazil; History and Criticism.

## A pesquisa

No começo da década de 1990, quando efetuamos o estudo da revista *A Violeta*, criada e dirigida por um grupo de mulheres de Mato Grosso, no longo período de 1916 a 1950, deparamos com algumas informações interessantes a respeito da existência de uma Associação de Intercâmbio Cultural em Guiratinga, uma pequena cidade do interior do Estado, que fazia circular o jornal *Novo Mundo* para a expressão do seu ideário de congregar as Américas pela cultura.

Instigou-nos sobremaneira a ideia desse movimento cultural naquela geografia, de modo que ao concluirmos a tarefa de resgatar, catalogar e analisar a revista feminina mato-grossense, fomos em busca do referido jornal.

Percorremos acervos e bibliotecas de Mato Grosso e de outros Estados brasileiros e, após uma década de busca malograda, tivemos a oportunidade de contactar o doutor Humberto Maranhão Ayres, filho de Raimundo Maranhão Ayres (editor do jornal, conforme noticiou a revista *A Violeta*) que, para nossa satisfação de leitora e pesquisadora da literatura, cedeu-nos por

empréstimo os números do jornal pertencentes ao acervo da família.

A história da imprensa no Brasil até então escrita desconhece a existência de *Novo Mundo*, fato que não nos surpreende, pois nem mesmo a Biblioteca Nacional, que armazena um rico e variado acervo de periódicos, dispõe de sua coleção.

*Novo Mundo* constitui-se no único periódico publicado no Brasil a se pautar na busca de um intercâmbio cultural entre os povos, com um apelo voltado à fraternidade intelectual e humana.

Da coleção de *Novo Mundo* que nos foi disponibilizada listam-se 35 exemplares, editados entre dezembro de 1945 e agosto de 1953, descritos de modo minucioso em nossa pesquisa de pós-doutorado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em junho de 2005. O trabalho, intitulado “*Novo Mundo: Letras brasileiras e estrangeiras no sertão*”, recebeu a orientação do Prof. Eduardo Coutinho e contou com uma bolsa de fomento da Faperj para a sua realização. Desse estudo, extraímos o conteúdo a seguir.

## A inter-nacionalização de Novo Mundo

Em dezembro de 1945, na pequena cidade de Guiratinga, em Mato Grosso, surgiu o jornal *Novo Mundo*, órgão de Intercâmbio Cultural em todas as Américas, e, posteriormente, órgão de Intercâmbio Cultural em todas as Américas e Europa, em conjunto com o órgão oficial da Associação de Intercâmbio Cultural. O jornal desapareceu possivelmente em 1954, enfrentando dificuldades materiais para se manter. Dados de sua redação informam que ele chegou a atingir mais de 50 países das Américas, Europa, Ásia e África.

Nascido após o término da Segunda Guerra Mundial, o seu objetivo consistia na busca da fraternidade intelectual e humana e na difusão da cultura entre os povos, buscando unir o ideal humanista ao cultural. O engajamento a causas cívicas, sociais, políticas e estéticas de paz, de união, de liberdade do pensamento, de civilização, de progresso e de beleza, aliadas à cultura, era o ideal declarado à sua existência.

*Novo Mundo* foi idealizado e dirigido pelo escritor e jornalista Raimundo Maranhão Ayres (1914-1972), que, originário do Maranhão, rumou a oeste do país seguindo as pegadas de seus conterrâneos, e lá deixou um trabalho de valor incontestável. Ele chegou a pertencer a inúmeras entidades culturais e interamericanas e foi contemplado com distinções honoríficas nacionais e estrangeiras.

Muitos dos seus escritos, em português, foram traduzidos para outros idiomas, entre eles, o espanhol, o francês, o inglês e o italiano, proporcionando uma maior difusão do seu nome e de sua obra<sup>3</sup>. Sua produção intelectual e literária, bem como a sua luta pela paz e pela fraternidade entre os povos, intensificaram-se sobremaneira à frente do jornal *Novo Mundo* e da Associação de Intercâmbio Cultural, fundada em 15 de novembro de 1946, em Guiratinga, para consolidar o intercâmbio proposto pelo *Novo Mundo*.

O jornal e a associação de cultura transformaram Maranhão Ayres num "intelectual coletivo" de destaque. Recorremos ao uso dessa expressão inspirados nos estudos de Pierre Bourdieu (seguido por Edward Said, seu discípulo nesse sentido), que utiliza o termo "intelectual coletivo" para designar o indivíduo que somou os seus estudos e ideais aos de outros indivíduos que comungavam, de modo idêntico, de suas utopias realistas. Esse conceito tornou-se em voga no final do século XIX e começo do século XX.

Logo que *Novo Mundo* circulou, seguiram-se os comentários críticos a seu respeito. De um lado, aglutinaram-se as opiniões de escritores e intelectuais brasileiros em torno da surpresa de um jornal propondo o intercâmbio cultural entre as Américas, dirigido e impresso em tão longínqua geografia, numa gleba no sertão, fora do eixo Rio-São Paulo, ou outro grande centro cultural do país com maiores facilidades de comunicação. De outro lado, romperam manifestações oriundas dos estrangeiros, que, talvez por desconhecerem a situação geográfica e estrutural da localidade onde se editava o periódico, chamavam a atenção sobre a sua importância para o diálogo cultural e humano universal.

Rompendo em meio a uma realidade, ao mesmo tempo progressista e deficitária, o jornal em discussão aboliu as noções de fronteira, de cânone e de hegemonia. Nivelou a geografia, irmanou territórios e desbancou diferenças e distâncias geográficas, econômicas, sociais e culturais. Sem constrangimento, derrubou os muros que dividiam os povos e eliminou conceitos, como o de nações mais poderosas ou culturas mais evoluídas. Provou que todos os povos são iguais, com direitos idênticos, e deu o exemplo: um povoado encravado nos sertões de Mato Grosso podia transformar-se em referência para um novo mundo, um mundo melhor. O mesmo papel foi também exercido pela Associação de Intercâmbio Cultural.

Ao longo de sua trajetória, o jornal franqueou as suas páginas a escritores conhecidos e aos que se encontravam à margem da cultura e da literatura oficial, desde que imbuídos da construção da palavra e de um universo cultural, humano e social sadios.

Recebeu vasta colaboração de escritores do país e do estrangeiro, notadamente dos hispano-americanos. Publicou os textos na língua original dos colaboradores. Assim, além do português, encontramos o espanhol, o francês, o italiano e o inglês, o que certamente proporcionou um diálogo legítimo entre os povos, valorizando a cultura de cada um deles.

Seus colaboradores, obreiros das letras e conscientes de uma necessária "cruzada" de paz, fraternidade e igualdade entre os povos, fizeram história e vida cultural e literária como missão. Para legitimar as suas ações, fundaram entidades variadas, às quais se vinculavam, e contemplaram-se com títulos honoríficos também diversos, proclamando o possível círculo da utopia cultural.

Se o cânone oficial não lhes consagrava, enalteciam-se entre si. Bastava haver a aceitação de seus escritos entre os membros do grupo para cumprirem com seriedade e notoriedade o seu papel.

O intercâmbio proposto e efetivado pelo *Novo Mundo* pode igualmente ser medido pela publicação, junto à maioria dos textos, de uma foto do autor, com seu endereço completo. Tudo para facilitar a aproximação fraterna e a comunicação entre eles. Complementam ainda o intercâmbio as notícias sobre a vida e a obra desses escritores, assinalando-se a realização de eventos culturais e literários, e a existência ou a fundação de associações de intercâmbio cultural do país e do estrangeiro, com vistas a aproximar fraternalmente os colaboradores e seus leitores.

Escritores, jornalistas, fundadores e editores de jornais e revistas, professores de diversas áreas, políticos, acadêmicos, dirigentes de agremiações literárias, americanistas, entre outras de cunho científico, tiveram participação efetiva ou esporádica no jornal; e muitos, ainda, fizeram nele a sua estréia nas letras. O próprio *Novo Mundo* nos fornece os elementos para atestarmos que a comunicação estabelecida entre o jornal e seus colaboradores - e entre os próprios colaboradores - foi facilitada pelas suas participações nas Academias e Associações de Letras regionais, nacionais e estrangeiras, que traziam, entre os seus objetivos, o compromisso de divulgar a produção dos seus associados e de buscar uma integração entre aqueles que escreviam.

O volume da produção assinada pelos autores nas páginas do jornal diversificou-se entre os escritos literários, produzidos nos estilos Romantismo, Parnasianismo, Realismo e Modernismo (este sem as rupturas abruptas dos movimentos de vanguarda, e sim o Modernismo bem comportando da geração de 1945) – ora isolados, ora entrecruzados num só título, e os escritos não-literários, entre eles, a crítica de literatura e de artes, e notícias ligadas à cultura e ao intercâmbio entre os povos. A poesia foi o gênero literário predominante, diante de uma presença inexpressiva de escritos em prosa.

Fiel à linha editorial proposta pelo jornal, a fraternidade foi o tema central presente no conjunto da escrita analisada e em torno dela aglutinou-se uma cadeia semântica sintetizada pelas palavras paz, amor, união, perdão, esperança, solidariedade, fé, liberdade, harmonia e igualdade social, tal como o seu significado ilustra.

Do latim *fraternitate*, a fraternidade recebeu do *Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa* os seguintes conceitos: 1. Parentesco de irmãos; irmandade. 2. Amor ao próximo; fraternização. 3. União ou convivência como de irmãos; harmonia, paz, concórdia, fraternização. Expressa em direções diferentes, a fraternidade, em *Novo Mundo*, reuniu os três conceitos presentes no *Aurélio*.

Criado no término da Segunda Guerra Mundial, é natural que o jornal manifestasse um acentuado sentimento anti-bélico e um forte apelo de paz e de união entre os povos do mundo. Na luta pelo ideal da fraternidade como sinônimo de paz, os escritores nacionais e estrangeiros de *Novo Mundo* lembraram e/ou se apropriaram de alguns símbolos religiosos e políticos universais representativos dessa luta.

No âmbito religioso, Deus e Jesus, ícones de amor incondicional, estiveram presentes em várias vertentes: para concederem a paz e a fraternidade à humanidade, para perdoarem os pecados do mundo, para aliviarem a dor e a amargura do poeta, e, finalmente, como o maior exemplo de perdão.

Já na instância política, os ícones foram representados por líderes políticos e revolucionários, datas e entidades que marcaram e ainda marcam lutas e vitórias pelos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, o mesmo ideário aclamado pela Revolução Francesa. Entre os líderes, listam-se nomes como os de Franklin Roosevelt, Garcia Lorca, José Martí, Abrahán Lincoln e o brasileiro José Joaquim da Silva Xavier, o “Tiradentes”. E entre as datas estão as de 25 de maio, data da Independência da América Latina, 19 de dezembro, data da Declaração Universal dos Direitos do Homem pela Assembléia Geral da ONU, e 4, 5, 20 e 28 de julho, datas da Independência dos Estados Unidos, da Venezuela, da Colômbia e do Peru, respectivamente. Com relação às entidades políticas, o destaque foi dado à ONU e aos seus diversificados setores existentes, para mediar o diálogo entre os povos e amparar as suas necessidades materiais no decênio de 1950. Fizeram coro às ações da ONU as atividades empreendidas por entidades de caráter panamericanista e de aproximação intelectual humanista. Entre essas associações, listaram-se o Instituto de Cultura Americana, com sede em La Plata, Argentina, a Confraternidad Universal Balzaciana, entidade de difusão literária criada em Montevideú, em 1929, com o propósito de unir espiritualmente os admiradores da obra de

Balzac, e a própria Associação de Intercâmbio Cultural, de Guiratinga, órgão do *Novo Mundo*.

Na sequência do assunto, as nações, os povos e os escritores-colaboradores do conjunto temático em *Novo Mundo* foram veiculados para fortalecer ainda mais o objetivo do jornal, o de ver implantado um mundo novo e homogêneo através do diálogo cultural e humanista. O conteúdo reitera as diferenças da raça humana, mas aponta a possibilidade de se viver em paz e harmonia, respeitando-se essas diferenças.

Os autores louvaram as nações, de modo especial o Brasil, e, por extensão, a cidade de Guiratinga, anfitriões da acolhida dos seus escritos. Enalteceram o seu povo, a sua liberdade política, as suas riquezas e belezas naturais, o seu passado e presente, pregando uma amizade saudável entre os seus países de origem e essa nação tropical.

Por extensão ao assunto em evidência, marcaram presença em *Novo Mundo* os temas da igualdade social, da fé no presente e no futuro próximo, da caridade e do amor incondicional. Os escritores deram lições de amor e de benevolência para com o próximo, de fortalecimento na busca de um horizonte individual melhor e de uma sociedade igualitária, livre e isenta da pobreza. De modo análogo, denunciaram retratos da miséria humana e social, tais como a fome, a sede e o frio, o desamor e o abandono.

Acompanharam esses clamores preceitos de teor moral, cuja doutrina ateu-se à valorização da justeza de caráter, do amor altruísta, da simplicidade, da honestidade, da ordem, do dever e do patriotismo, entre outras virtudes. Como contraponto, há escritos indicando o avesso da prática desses preceitos e o seu prejuízo.

Paralelamente ao tema da fraternidade, o amor romântico e lírico desfrutou de um espaço de relevo no mesmo jornal. Fez-se predominante no discurso literário, e, tal como o primeiro, foi abordado seguindo múltiplas direções. De um lado, a manifestação do amor apaixonado, realizado ou malgrado do poeta, e, de outro, a expressão de seus sentimentos líricos diversos e de suas inquietações existenciais.

Impregnados dos sentimentos remanescentes de um Romantismo peculiar do século XIX, os autores expressaram repetidas vezes os seus "amores" de forma romântica, simples e espontânea. Quando havia a correspondência do amor, ufanavam-se de suas alegrias. Na contramão da felicidade, surgiram os lamentos, a confissão da dor, da

melancolia, do infortúnio e da saudade, resultantes da ausência ou da perda do amor.

É de se perder de vista a revelação do sentimento de amor romântico no jornal de Mato Grosso e a que se aliaram outras expressões não necessariamente ligadas a ele, mas sim a outros sentimentos de ordem existencial. Nesse novo conjunto temático, sobressaíram os questionamentos sobre a vida, a morte, o destino, o tempo entre outros mistérios, e as lembranças, boas e ruins, do passado, os balanços e as retrospectivas de vida, a busca por melhores horizontes, bem como a descrição dos sonhos, dos desejos, dos temores, das frustrações e das alegrias entre outros estados íntimos dos autores.

Ao lado dessas manifestações de sentimento, ora isoladas, ora entrecruzadas, outros laços sentimentais formaram o conjunto temático de *Novo Mundo*; sobressaindo-se, entre eles, o amor doméstico, familiar, entre pais e filhos, a religiosidade já anunciada, extensiva ao amor à Maria Mãe de Jesus e exemplo de Mãe do universo e a apologia à beleza, pura ou voluptuosa, não só pelo ser amado ou pela natureza e a música, mas pelo belo enquanto forma, podendo ainda atuar como um elo de paz e de fraternidade.

Congregando ou reiterando a temática dos laços fraternos e românticos, imprimiram-se no jornal artigos e textos de crítica literária. As demais manifestações culturais, entre elas, a dança, a música, as artes cênicas e a pintura receberam um espaço reduzido enquanto tema, e, no âmbito da crítica, restringiram-se a um enfoque meramente informativo, e não analítico. A vida e a obra de escritores foram a tônica da crítica, que, de um lado, apresentou autores estreados, e, de outro, reforçou a divulgação dos já existentes, consagrados ou não. Grande parte dessa escrita nasceu por ocasião do envio de determinada obra recém-lançada a *Novo Mundo*, ou, ainda, pela passagem do aniversário – vida e morte –, incluindo-se os centenários e datas comemorativas, ou morte repentina, de um autor.

Ela nasceu, portanto, com o objetivo de *fratria*, como um elo de informação e de aproximação entre intelectuais e leitores, e correspondeu, com fidelidade, ao papel instituído ao gênero nos jornais, advindo do século XVIII (no Brasil, século XIX), restrito à divulgação, à informação e à orientação do público-leitor em relação ao movimento literário contemporâneo e editorial.

A crítica foi escrita pelos próprios autores-colaboradores dos demais gêneros impressos, o

chamado “crítico-autor”, o autodidata ou diletante, e não o crítico com conhecimento ou formação sistemática, disciplinar, na atividade de julgar. Isso talvez explique a predominância de comentários em torno de títulos ou do conjunto de títulos de obras poéticas, literatura preferencialmente eleita para ocupar as páginas do jornal. O que se recomendou como “boa leitura” foi, em verdade, o sinônimo daquilo que se publicou, e que, trocando em miúdos, era o gênero de domínio estético do “autor-crítico”, fato que facilitava a emissão de um juízo de valor.

Apresentou-se, portanto, distante da crítica propriamente dita que envolve uma série de disciplinas e conhecimentos de artes e de ciências. Dividiu-se entre comentários moldados nos critérios recorrentes da crítica impressionista e da crítica historicista, com enfoque nesta última para o sociológico e o biográfico.

É oportuno lembrar que no período em que *Novo Mundo* circulou, nascia e solidificava no Brasil a chamada “nova crítica”, vinculada às tendências contemporâneas universais de teoria literária e linguística, entre elas, o formalismo ou estruturalismo eslavo, o *new criticism* anglo-americano, a estilística teuto-suíça e a *nouvelle critique* francesa. O princípio básico dessa corrente constituía em ver a crítica como uma tarefa acadêmica (*scholarship*) de análise, interpretação e julgamento da obra de arte literária, requerendo pressupostos doutrinários e uma metódica explícita, padrões e critérios de aferição de valores, uma epistemologia e fundamentos filosóficos. A “nova crítica” visava à obra em si mesma, o seu valor estético intrínseco, e não às circunstâncias externas que a condicionaram, objeto da crítica historicista, ou, ainda, ao “gostei-ou-não-gostei” subjetivista, peculiar da crítica impressionista, com quem dividiu o cenário da crítica literária brasileira nos anos de 1950. No próprio jornal em questão, como afirmamos, a crítica valeu-se notadamente dos critérios de análise das duas últimas. Vejamos:

Uma gama de textos optou pela leitura da obra literária como o resultado de forças naturais, extrínsecas, ou seja, o meio ou o momento social como os seus fatores condicionantes. Outro modo de interpretar a literatura em homologia com o meio presentificou-se num conjunto de escritos em que a vida do escritor foi o espelho de/e para a sua produção literária. Era uma crítica também historicista, porém, de cunho biográfico.

A segunda tipologia crítica preferencial em *Novo Mundo* centrou o seu olhar observador numa

determinada obra, ou mesmo na produção integral de um determinado autor, valendo-se da opinião ou do impressionismo que ela provocou no espírito do “crítico-autor”. De divagação subjetivista, esse tipo de julgamento veio expresso por meio de comentários superficiais, sem rigor metodológico, e ateu-se à literatura contemporânea.

Por fim, em se tratando do universo da crítica, o jornal de intercâmbio cultural de Guiratinga não fugiu à demanda pré-estabelecida pelos seus congêneres e imprimiu em larga escala o *review*, uma forma prática e popular de crítica centrada em comentários ligeiros de uma obra recém-lançada, acompanhados de pequenos informes a respeito do autor. O conjunto dessa escrita atendeu com eficiência o seu objetivo de fornecer ao leitor uma descrição da obra e uma estimativa de sua qualidade, de modo a certificar-lo se aquela é ou não é a leitura que procura.

O *review* pode ainda ser apontado como um dos grandes aferidores do intercâmbio que se estabeleceu entre o jornal e seus escritores, colaboradores e leitores. Somando-se aos artigos e textos críticos de maior ou menor qualidade crítica, serviu e serve como um instrumento de divulgação de uma literatura pouco ou totalmente desconhecida da história literária universal oficial: a vida literária cotidiana, corriqueira, muitas vezes desprezada pela história oficial, ditada por valores rígidos e limítrofes de composição, que não nos cabe aqui discutir, e sim rever, como uma tarefa que nos impõe realizar na atual e necessária reavaliação do movimento de ideias literárias.

## Finalizando

No ponto de chegada do estudo de *Novo Mundo*, o que predomina é a excelência com que o mesmo desenvolveu o seu ideário de humanização, com base na universalização, proposto ao longo de sua existência. A internacionalização no jornal teria sido assim uma consequência indubitável. Dos escritos desse periódico emana a mais pura expressão do sentimento de coletividade e cidadania. Foram vozes unívocas de vários cantos do país e do mundo, de homens e de mulheres escritores e cidadãos, que viveram a palavra Hermano-Irmão em toda a sua plenitude.

Lembramos, também, que do conjunto de sua produção sobressai o ideário de igualdade e liberdade, no tocante à forma e ao conteúdo. Em suas páginas foram aceitos variados gêneros,



expressos em estilos ecléticos, nivelados por igual. Não houve preferência por esta ou aquela estética literária. O jornal desbancou, de um lado, a tese de múltiplas fronteiras/múltiplas culturas isoladas, e, de outro, o cânone que nomeia um modo de escrita ou de pensamento oficial.

Perplexos com o mundo sangrento, desumano e desigual do pós-guerra, o seu extenso grupo de intelectuais universalistas se reuniram em *Novo Mundo*, pensando em tentar mudar os rumos de suas tristes realidades. Unidos por um interesse coletivo, trouxeram a *fraternidade* para o centro de suas discussões, através de uma escrita que abraça, aconchega e aquece, buscando suprir o mundo de suas deficiências humanas e materiais.

Durante os anos de existência do jornal, esses escritores e cidadãos de diversas partes do mundo, oriundos de pequenos ou grandes centros geográficos, foram estabelecendo laços fraternos, a ponto de criarem uma *fratria* (do grego arcaico *phratria*, confraria), como o próprio conceito da palavra sugere, ou seja, a de um grupo de indivíduos e família unidos num espaço físico ou social em torno de uma mesma finalidade, dando lugar a uma ampla solidariedade.

E, assim, exercitaram, exemplarmente na prática, aquilo que externaram em sua escrita impressa, resultando num bonito e amplo exemplo de comunhão.

1- Doutora em Literaturas de Língua Portuguesa pela Unesp/Assis, com Pós-doutorado em Literatura Comparada, pela UFRJ.

2- O estudo sobre a revista *A Violeta* foi apresentado inicialmente a Universidade Estadual Paulista, campus de Assis, para a obtenção do título de Mestre em Literaturas de Língua Portuguesa, em 1993, e posteriormente foi impresso no livro *Sob o signo de uma flor. Estudo de A Violeta, publicação do Grêmio Literário Júlia Lopes - de 1916 a 1950*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1993.

3- Entre as obras impressas e inéditas de sua autoria, destaca-se Ronald de Carvalho: sua vida e sua obra, ensaio apreciado nacionalmente e merecedor de incontáveis manifestações de apreço. O livro surgiu por ocasião do seu ingresso à Casa Humberto de Campos, em Carolina/Maranhão, no ano de 1939, e onde o poeta e crítico literário carioca Ronald de Carvalho, patrono da Cadeira n. 8 do escritor sertanejo, é descrito com argúcia.

Aceito para publicação em XX/XX/200X.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

*Novo Mundo*, órgão de Intercâmbio Cultural em todas as Américas (depois) órgão de Intercâmbio Cultural em todas as Américas e Europa em conjunto com órgão Oficial da Associação de Intercâmbio Cultural. Guiratinga - Mato Grosso - Brasil, a. I, n. 1, dezembro de 1945 até a.VIII, n.77, 78 e 79, junho, julho e agosto de 1953.

*Catálogo de periódicos brasileiros microfilmados*. Fundação Biblioteca Nacional, Departamento de Processos Técnicos, Divisão de Microrreprodução. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/ Departamento Nacional do Livro, 1994.

COUTINHO, Afrânio. *Da crítica e da nova crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957.

GUINSBURG, Jaime. (Org.). *O Romantismo*. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.

NADAF, Yasmin Jamil. *Sob o signo de uma flor: estudo da revista A Violeta, publicação do Grêmio Literário "Júlia Lopes" - 1916 a 1950*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. *Novo Mundo: letras brasileiras e estrangeiras no sertão*. 2005, 436f. Tese (Pós-Doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (mimeo).

RIZZINI, Carlos. *O livro, o jornal e a tipografia no Brasil, 1500-1822: com um breve estudo geral sobre a informação*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1988.

SAID, Edward W. *Orientalismo*. O Oriente como invenção do Ocidente. Tradução de Tomás R. Bueno. 3. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. *Cultura e política*. Tradução de Luiz B. Pericás. São Paulo: Boitempo, 2003.

\_\_\_\_\_. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução de Pedro M. Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

